



PARIR, MATERNAR E PRODUZIR EM TEMPOS DE PANDEMIA: NARRATIVAS DE MÃES E PESQUISADORAS

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

INSABRALDE; Larissa de Souza Mello ¹, SILVA; Thatiane Machado de Mello ²

RESUMO

O começo das nossas histórias

Iniciamos a escrita do nosso texto com dúvidas que nos acompanham após o nascimento de nossos filhos: somos mães-pesquisadoras ou pesquisadoras-mães? Quem vem primeiro? A academia já faz parte da nossa vida há anos, mas como ficamos depois que os bebês nascem? Quem pretere? A mãe ou a pesquisadora? A pesquisadora pariu e virou mãe? Ou a mãe vem primeiro? Na verdade não é o bebê que sempre vem primeiro? Assim a gente começa essa história...

Na nossa linha do tempo, que mistura maternidade e ciência, nos conhecemos em 2013 enquanto servíamos temporariamente na Marinha do Brasil. Nesse momento, nossa vida era direcionada pela nossas carreiras. Trabalhávamos e estudávamos intensamente. Duas amigas e pesquisadoras, uma doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), a outra doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quando ingressamos nos programas de pós-graduação, conversávamos sobre os desafios de gerenciar a família e a carreira acadêmica. E pensávamos qual seria a melhor hora para ter um filho. Coincidentemente (ou não), viramos tentantes na mesma época. Nos encontramos nos corredores do hospital e com olhares é como se falássemos: eu sei o que você está planejando!

Planejamento! Essa é a palavra que rege a pesquisa científica. Projeto de pesquisa, disciplinas obrigatórias e eletivas, qualificação, pesquisa de campo, escrita, publicação de artigos e defesa. Lembramos do livro sobre metodologia da pesquisa científica que compartilhamos, em que a autora nos dizia que “após a escolha do caminho a ser percorrido, é importante que você delimite o tempo que será utilizado para fazer a pesquisa, é preciso organizar um cronograma” (Gonsalves, 2011, p. 74).

Como sempre fomos alunas disciplinadas, buscamos fazer o mesmo com a maternidade. Planejamos a gestação, sonhamos com o chá de bebê, fizemos o plano de parto, convocamos nossa rede de apoio, conversamos sobre a licença-maternidade com a coordenação dos programas de Pós-Graduação e planejamos o retorno ao trabalho depois de seis meses. O nosso cronograma era prático e objetivo. Mas como Gonsalves (Ibidem) já havia nos falado, o projeto de pesquisa (assim como a vida), é um roteiro preestabelecido e rigorosamente elaborado, mas não é imutável, ao contrário, o caminho percorrido ao longo da pesquisa (e da vida) acaba por imprimir-lhe novas características, novos aspectos, colocando novas exigências para o investigador (e futuras mães).

E como em toda boa história, aqui você encontra a maior reviravolta: parimos na pandemia de COVID-19. Nos tornamos mães no momento mais difícil que a humanidade vivenciou nas últimas décadas. O medo e a insegurança tomou conta de todos. O isolamento não tinha prazo para acabar e a vacina demorou a chegar. Mais uma vez Gonsalves nos lembra que o processo de investigação

¹ Faculdade de Educação / Universidade Federal Fluminense, larimello89@gmail.com

² Departamento de Psicometria / Instituto de Psicologia, thatiane_machado@hotmail.com

(e a maternidade), “pela sua riqueza, transforma o sonho, por vezes reduzindo-o, por vezes ampliando mais ainda os seus horizontes.” (Ibidem, p. 13). E assim transformamos e ressignificamos nossa jornada.

A partir de agora você vai conhecer um pouco melhor a Larissa e a Thatiane. As mães que se uniram e gestaram esse trabalho vão contar um pouco da sua trajetória. Essa narrativa é uma grande mudança na nossa escrita acadêmica. Nós que sempre fomos metódicas e militarizadas, com uma escrita formal e objetiva, encontramos nesse projeto um espaço para falar sobre os desafios do nosso maternar e como ressignificamos a nossa vida acadêmica. Era uma vez duas pesquisadoras que pariram durante a pandemia COVID-19...

A história da mãe da Maria Luísa

Na última quinzena da minha gestação o país parou. Eu que sou professora de Inglês, ouvi todo mundo pronunciar a palavra do momento: *lockdown*. Lembro do dia que minha orientadora me falou para ficar calma e me cuidar porque o isolamento duraria apenas quinze dias. E aquele isolamento não acabou. Maria Luísa não nasceu na maternidade que planejamos, não foi o parto que esperávamos e naquele dia eramos apenas meu marido e eu no quarto do hospital. Dois marinhos de primeira viagem, descobrindo como cuidar de um bebê, usar máscara e passar álcool em tudo.

Chegamos em casa e as lembranças de maternidade ficaram guardadas na mala. Sem visitas, sem a família por perto. O tempo passou com dias longos, amamentação exclusiva e noites sem dormir. Lembro que depois de dois meses eu participei de uma reunião do grupo de pesquisa. Ali eu senti que a cientista ainda estava em mim. Mas muitas vezes eu achei que a pesquisadora não cabia mais no meio de tantas fraldas e horas amamentando. Descobri que o puerpério não dura apenas quarenta dias. O tal *baby blues* que a ciência descobriu estava nas olheiras, no cabelo preso de qualquer jeito, no medo da falta de liberdade e no vazio que não tem explicação.

Uma amiga me deu um livro. Aqui caberiam várias citações do livro *60 dias de neblina* da Rafaela Carvalho, que narrou a maternidade, em todas as suas fases, com o amor, o caos e todo o resto de uma forma que a ciência nunca viu. O obstetra e a pediatra não me falaram, ninguém me deu esse presente no chá de bebê, não li nos livros, não aprendi nas aulas e as minhas amigas não conseguiram explicar. Eu precisei viver, eu precisei ir para campo, eu precisei ser sujeito e espaço da pesquisa, eu precisei me tornar mãe para entender que nada seria como antes.

Quando minha filha tinha cinco meses aconteceu a primeira apresentação de trabalho em plena pandemia. Computador carregando, fones de ouvido novos, câmera ligada e um bebê mamando no meu colo. Se alguém me dissesse que um dia eu participaria de um congresso dessa forma, eu nunca acreditaria. Dentro de casa e ainda em isolamento, vivenciei cobranças (externas e internas), metas e prazos a cumprir.

Lembra da rede de apoio que eu convoquei? Ela também estava em *home-office*. E a creche? Fechada sem previsão de retorno. Quando a licença maternidade acabou e eu precisei voltar a trabalhar, descobri que daria aulas através da plataforma. Lembro das reuniões embaladas a choro de bebê. “Quando o bebe dormir, você dorme” – eles diziam. Descobri que a hora em que o bebê dormia, eu poderia escrever minha tese. Aprendi a planejar uma nova rotina e fazer alterações sempre que necessário, afinal sempre tem um dente nascendo, um salto de desenvolvimento ou a reação da vacina para movimentar o dia a dia de uma mãe.

Enquanto eu buscava entender essa nova vida, queria uma identidade para a mãe que também era pesquisadora. Queria um espaço para falar sobre o que eu estava vivendo e sentindo, e conversar com outras mães. Queria ouvir que o filho delas também não dorme e que a gente amamenta e manda e-mail para o orientador ao mesmo tempo. Encontrei o *Movimento Parent in Science* e me senti acolhida por uma rede social. Descobri que a rede de apoio, que é essencial, tem várias formas e que a maternidade no lattes já era uma conquista nossa.

A história da mãe do Heitor

¹ Faculdade de Educação / Universidade Federal Fluminense, Iarimello89@gmail.com

² Departamento de Psicometria / Instituto de Psicologia, thatiane_machado@hotmail.com

Após muitos meses de tentativas para engravidar e um tratamento de fertilização *in vitro* (FIV) sem sucesso na implantação do embrião, ainda quando estava em luto mas mesmo assim me reorganizando para uma nova tentativa com a FIV a pandemia COVID-19 chegou aqui no Brasil. Todos os tratamentos de reprodução humana foram pausados até que tivessem mais dados sobre o vírus e o que estava acontecendo no mundo. Recebi a ligação da minha médica pedindo que eu aproveitasse esse tempo em pausa para me proteger e me cuidar. E assim em casa, iniciei algumas atividades que antes ficavam de lado mas que naquele momento de luto me fariam bem como: yoga, terapia, treinamento funcional, meditação. No trabalho, atuávamos na linha de frente levando equipamentos, insumos hospitalares e pessoal para unidades de tratamento, além do transporte aéromédico para os enfermos. Após alguns meses veio o positivo para o COVID, já não tinha paladar e olfato e alguns sintomas leves, fiquei 21 dias em isolamento domiciliar, mas uma batalha pela frente e eu não me deixaria desanimar. Venci mais essa! Estava feliz por ter passado bem por esse período e após uma semana um novo teste apresentou resultado positivo: estava grávida. Enquanto meu organismo lutava em função do coronavírus ele também gerava uma nova vida, Heitor estava à caminho. O verdadeiro milagre da vida.

O momento mais feliz da minha vida, não pude dividir com minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho, meus amigos de mestrado e doutorado. Tive que me afastar. O on-line invadiu minha rotina também na gestação e só assim pessoas queridas puderam me acompanhar nessa fase. A revelação do sexo, o crescimento da barriga, o chá de fraldas, tudo de forma virtual. As consultas médicas e exames de rotina da gestação foram sempre carregados de muita apreensão e receio, sair de casa era muito arriscado principalmente sendo as gestantes parte do grupo de risco. Conforme a gestação avançava, muitas notícias de grávidas que perdiam a vida eram divulgadas e a apreensão era grande. Heitor chegou em nossas vidas numa sexta feira a tarde com muita saúde, no hospital comigo apenas um acompanhante. Todos aguardavam notícias sobre o nascimento em seus celulares e foi assim que muitos familiares conheceram e conhecem Heitor até hoje, atravessado pela tecnologia. A partir desse momento o exercício da maternidade era permeado com o de pesquisadora, a escrita científica e a produção acadêmica iriam também se adequar a essa nova rotina.

Muitos desafios, dúvidas, alguns prazos perdidos e aulas on-line que não conseguia participar. Mesmo com a licença concedida pela universidade, os eventos acadêmicos não pararam, os calendários permaneciam os mesmos e a minha pesquisa também precisava de atenção. Tive que reformular e aderir algumas estratégias para continuar, e contar com uma rede de apoio foi fundamental nessa caminhada. Não apenas em relação à maternidade, mas tive também apoio dos meus amigos da academia que me abraçaram, entenderam o momento que eu estava vivendo e me ajudaram enviando mensagens me lembrando dos prazos, das aulas, dos textos, congressos e me mantinham atualizada até mesmo do que eu perdia. Assim fui seguindo, aceitando as mudanças, antecipando minhas atividades para acompanhar os prazos, me resignificando e também minha pesquisa.

Quando o fim é apenas o começo...

Gestamos e parimos na pandemia. E agora: como conciliar a produtividade acadêmica e a maternidade? Que estratégias poderíamos utilizar para continuar nossas pesquisas sem deixar de cumprir todas as demandas que a maternidade exige?

A carreira acadêmica exige produção científica e esse foi um dos nossos maiores desafios. A queda da produtividade pode afetar a competitividade das mulheres durante alguns anos após o nascimento de um filho. Além disso, parimos durante a pandemia COVID-19, o que nos fez experimentar, mais do que nunca, dificuldades para trabalhar em casa e manter a produtividade (MYERS et al. 2020), uma vez que os nossos filhos estão principalmente sob a nossa responsabilidade. O pós-parto é uma fase delicada na vida de qualquer mãe. Passar pelo puerpério isoladas, sem rede de apoio e apreensivas com o coronavírus tornou esse momento ainda mais desafiador. Conseqüentemente, enfrentamos dificuldades para submissão de artigos científicos conforme planejado, bem como para cumprir prazos dos programas de pós-graduação durante o período da pandemia.

¹ Faculdade de Educação / Universidade Federal Fluminense, larimello89@gmail.com

² Departamento de Psicometria / Instituto de Psicologia, thatiane_machado@hotmail.com

O ambiente cada vez mais competitivo para seguir carreiras científicas torna o apoio às mães crucial para que elas não fiquem para trás. Sabemos que existem ações claras que as instituições podem implementar, como considerar a maternidade nos editais, já que a produtividade dos cientistas é o principal fator de avaliação. É hora dessas ações se tornarem a norma.

O apoio social mostra-se importante como fator de proteção principalmente durante períodos de mudança e estresse (MATSUKURA et al., 2002). O apoio social é entendido como as relações que uma pessoa estabelece na vida e no maternar, essas relações podem influenciar de forma significativa o desenvolvimento de uma mãe (JULIANO; YUNES, 2014). Falceto (2002) acrescenta que a rede de apoio social refere-se a funções desempenhadas por pessoas significativas (familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho) ou grupos (serviços de saúde, de credo religioso ou político) para o indivíduo em determinadas situações da vida. Em tempos de pandemia, ter uma rede de apoio presencial não era uma realidade segura para ninguém, ainda mais para o recém-nascido. Por isso, descobrimos a importância da rede de apoio virtual. Encontramos acolhida em conversas virtuais e páginas sobre maternidade em redes sociais. Entre nós duas, autoras e personagens dessa narrativa, os áudios de *Whatsapp*, a qualquer hora do dia, falavam sobre os nossos filhos, as noites sem dormir e os nossos prazos e projetos.

Para seguirmos com nossas pesquisas precisamos recriar, redescobrir, ressignificar. Descobrir o que funciona para nós, tanto para nossa maternidade quanto para nossa pesquisa. Adaptações são necessárias e percebemos isso desde a gestação. Para gerar outra vida, mudanças foram visíveis em nosso corpo. Entendemos, então, a importância de novos significados em nossa prática acadêmica. O que antes fazíamos sozinhas, hoje não funciona tão bem assim. Contar com uma rede de apoio social torna-se fundamental.

Não pretendemos ditar uma fórmula ou receita a ser seguida, afinal cada bebê tem características próprias e cada maternidade é única, para cada mulher a maternidade acontece de uma forma. Mas há um ponto em comum: não somos mais as mesmas. E compartilhar nossas estratégias e experiências no meio acadêmico reafirma que estamos vencendo nossos desafios diários e seguimos pesquisadoras! Como mães e pesquisadoras, sabemos que a maternidade e a ciência transformam a vida das mulheres, exigindo dedicação e entrega.

Uma atenção especial há de ser dada a sobreposição de papéis que exercemos, entendemos que não há conflito inerente entre essas funções e é possível executá-las desde que tenhamos o apoio que precisamos, seja ele social e/ou institucional. O fim dessa narrativa é apenas o começo das reflexões que a vida acadêmica e a maternidade nos trazem diariamente.

Agradecimentos

Como narradoras e personagens agradecemos uma a outra pela parceria, acolhimento e amizade construídas antes mesmo de nos descobrirmos tentantes. As nossas histórias narradas neste trabalho tiveram muitos atores. Por isso, agradecemos também a todos que fazem parte das nossas redes de apoio social e institucional.

Referências

AREAS, R.; ABREU, A.; SANTANA, A.; BARBOSA, M.; NOBRE, C. **Gender and the scissors graph of Brazilian science: from equality to invisibility**. OSF Preprints, 2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. 5 ed. – Campinas, SP: Alínea, 2011.

JULIANO, M; YUNES, M. **Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência**. 2017.

¹ Faculdade de Educação / Universidade Federal Fluminense, larimello89@gmail.com

² Departamento de Psicometria / Instituto de Psicologia, thatiane_machado@hotmail.com

MATSUKURA TS, MARTURANO EM, OISHI J. **O questionário de suporte social (SSQ): estudos da adaptação para o português.** Rev Latinoam Enfermagem. 2002;10(5):675-81.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade, pandemia, Produção científica, Rede de apoio social